

# SAGSARICO

Lourivaldo Perez Baçan





**SASSARICO**

**L P Baçan**

**Copyright © 2013 L P Baçan**

**Reprodução e divulgação proibidas sem autorização.**

**Edição para divulgação exclusiva pelo site**

**<http://portugues.free-ebooks.net/>**

**2013**

# SASSARICO

**" Nessun maggior dolore che  
ricordarsi del tempo felice  
nella miseria..."**

*A Divina Comédia, V Canto do Inferno, Dante Alighiere*

Esta é uma história de muitas histórias. Histórias declaradas, histórias ocultas nas entrelinhas, nas palavras ditas veladamente, às ocultas do leitor, onde a realidade de uma hipotética cidadezinha agrícola, em algum ponto do Norte do Paraná, surge em pinceladas rápidas, mas reveladoras, enquanto se acompanha a saga do velho Cido e das personagens que atuam ao seu redor.

A narrativa flui sob pontos de vista inesperados, retratando cenas inesperadas, que são mais um resgate de um passado não muito distante, mas devorado pelo "progresso" e pela modernidade e já desconhecido das novas gerações.

A tradição oral, o confronto entre o passado e o presente e as cenas de uma fazenda de café servem de pano de fundo para o drama interior das personagens, assombradas por seus fantasmas interiores, convivendo com eles ou exorcizando-os.

Desfilam personagens que mesmo não sendo caracterizadas, delineiam-se no recurso expressivo do diálogo. A sexualidade implícita exibe-se em seus extremos e dita as regras do comportamento.

Ao fim de tudo, o trágico e sofrido painel de uma ficção que se traveste de reportagem para se transformar numa denúncia cruel mas real de um grave problema social: os boias-frias!

**O Autor**

# I

O corpo se agitou no colchão de palha: ruído de ventania arrastando folhas. Cheiro de café coado perfumava o quarto. Era dia nas frestas da parede.

Ficou imóvel, esperando que o terror passasse. Sonhara com a Grande Geada: aquele céu cinzento e ameaçador prenunciava a tragédia, como se a previsão bíblica finalmente se concretizasse. O vento, o frio, a impotência mansa diante da natureza, a fatalidade anunciada: era assim todas as noites.

A carapinha desbotada emergiu vagarosamente do travesseiro. Sentou-se, pés à caça dos chinelos. A cada dia ficava mais difícil encontrá-los.

Vestido, arrastou-se até a cozinha.

— Dia Cido! Dia Zefa!

Pouco falavam. Quarenta anos de casamento ensinaram o significado das coisas: cada gesto, cada olhar, cada mover de músculos.

À porta, cumprimentou o dia e espreguiçou-se dolorosamente. Foi até a bacia, no tanque. Lavou o rosto. Depois foi à privada. Quando voltou, sentou-se à porta. Ela estendeu a caneca de café. Ele olhou o céu cinzento, anunciando a estação das águas.

Ela olhou na mesma direção: o que você vai fazer hoje?

Ele deu de ombros: zanzar por aí.

Desinteressada: e o dinheiro da aposentadoria?

Alheio: já tirei.

Terminou o café ralo. Deixou a caneca. Caminhou perdido pela casa. Apanhou o chapéu. Saiu. O vento fresco agitou a camisa contra o peito magro. Parou, como sempre, na praça da matriz. Sentou-se num dos bancos. Ficou olhando a construção.

Lembrou-se. Ajudou: fiadas de tijolos. O olhar pousou na grande porta de madeira. Foi subindo. Percorreu cada tijolo, como se os contasse, até o alto, no sino.

O sino era pequeno, mas em dia de vento mandava longe seu gemido.

Da Fazenda se ouvia antigamente.

A Fazenda!

Alguma coisa forte bateu no peito. Virou sino. Levou a mão ao rosto, como se enxugasse uma lágrima.

Dali a pouco Dito passaria, bilhetes pendurados nos braços e brotando dos bolsos estufados. Conversariam. Pouco. Dito ofereceria touro, borboleta, vaca ou cachorro. A mesma recusa de sempre. Iria embora, ameaçando-o com a tragédia da sorte grande perdida.

Mas o sino o atraía, naquela manhã cinzenta. Voltou a olhá-lo. Ouvia seu repicar, sentado à porta de seu rancho, lá na Fazenda.

A Fazenda...

Cafezal do bom!

A geada...

Que tristeza!

Depois trigoesoja, trigoesoja, trigoesoja. E aquelas máquinas que faziam tudo. A gente só olhava.

As máquinas enxotaram todos. Engoliram colônias, tulhas, terreirões, tanques de lavação...

Nasceram os boias-frias!

Dito chegaria logo. Tudo igual. Chato. E mudar? Por que não?

Levantou-se apressado e cruzou a rua. O sino o guiava, embora não soubesse exatamente para onde ia. Talvez seguisse o som antigo, fosse por ele, mas precisava ir, naquela manhã cinzenta, ao encontro de alguma coisa que, sabia, não estaria lá a sua espera. Mas precisava ir.

Foi.

Passou pelo Banco, pela casa do gerente, o Posto de Saúde. Parou ali, olhando para baixo. A vista era até bonita. O trigal era um rio barrento a se perder no horizonte. Caminhou, deixando casas para trás. Pisou gostoso a poeira da estrada. Asfalto era coisa nova na cidade. Estranho e duro. Bom mesmo era a poeira entrando pelos vãos dos dedos.

Terreno conhecido margeava agora a estrada. Trigo, apenas trigo comedor de café e de gente.

Oh, tempo bom! Tinha alegria na safra. Conversas. Brincadeiras. Parou. Sonhou peneiras jogando café para cima e nuvens de cisco carregadas pelo vento.

Continuou, certo agora de seu destino. O carreador era outro, porém. Antes era terra batida. O trigo e a soja até isso mudaram. Jogaram pedras. Coisa ruim! Machucavam os pés. Faziam tropeçar.

Novamente o rebuliço da safra se ergueu do trigal em silêncio. Aquilo era bom !

A safra acabava. Havia festa, baile, brincadeiras marotas nas moitas ao redor da tulha.

Ele riu baixinho. Safado! Sem-vergonha!

Descendo uns duzentos metros, chegaria onde fora antes a sede da fazenda. Estava tudo mudado. No lugar da colônia ergueram um barracão e a grande construção metálica do silo. Não havia no ar o cheiro da florada.

Tomando a direita, andaria uns cem metros até o rancho, destacado da colônia. Fora um dos primeiros naquelas terras. Mata virgem ainda.

Podia ver o rancho, caindo de velho, à beira da plantação. Foi.

Chegou. O coração sineiro bateu forte. Empurrou a velha porta. O sol correu na frente, trombando na parede do fundo. Ratos correram, entre latas vazias. Uma cobra serpenteou por entre as frestas.

Parou.

Trêmulo.

Cadê o cheiro?

Fechou os olhos, buscando.

E o fogão de lenha?

A esquerda, sob a janela, não tinha mais a mesa e as cadeiras de palhinha. Ao fundo, a lembrança da cama grande e do berço do Zepa.

E o filho? Mudou-se para longe, caçando profissão, fugindo da boia-fria. Ingrato!

Mesmo assim ainda riu. Lembrava-se. Lá dentro, no pé do esteio central, tinha sepultado o umbigo dele.

Foi até lá. Lembrava-se bem. Apanhou um pau. Escavou. Parou, desanimado e triste. Voltou à porta. Apoiou-se no batente, revivendo o gesto automático de todas as manhãs, olhar se alongando como sol sobre o cafezal. Isso foi antes. Agora, trigo e máquinas.

Alguém o assustou: bom dia!

Encarou o alemão: dia!

Que esboçou um sorriso: eu não lhe conheço?

Que ele não retribuiu: já morei nessas terras... Quando era café... Neste rancho...

O alemão ficou sério: é... acho que vou mandar derrubar esta porcaria... Só presta para criar rato e cobra.

A dor o mordeu por dentro. Despediu-se. Enxotou-se. Olhou para trás. O alemão vistoriava, chutando paredes.

O velho ficou ali, parado, curtindo raiva. Aquilo aumentou, pedindo vaza. O corpo estremeceu impaciente. Abaixou-se. Arrancou um feixe de trigo pela raiz. Jogou-o no chão com desprezo. Foi chutando, chutando, chutando, enquanto caminhava de volta para a cidade.



## II

Ofegava. Chutando as raízes de trigo, lembrou-se do último jogo na cidade: Santo entrou pela direita, recebeu de Sapucaia e centrou para a área; Pelezinho meteu um sem-pulo e... Olha lá o pé atingindo em cheio a raiz podre de café. Não doeu no momento. Depois, sim. Tristeza maior que a dor foi ver a raiz apodrecida, arrancada da terra e carregada sem rumo, como tanta gente...

Na esquina do Banco, parou para tomar fôlego. À esquerda, a praça da matriz, convidando-o para um banco à sombra. Aceitou. Foi descansar um pouco. A fome chegava. Esticou-se no assento de pedra.

Olhou a torre da igreja, mas seus olhos se acovardaram antes do sino. Fechou-os. Pensou no tempo passado. Dias. Meses. Anos.

Dito chegou com seus bilhetes, um varal ambulante de papéis, sempre a se arrastar pesadão, testa suada, barriga lá na frente.

Encarou o velho com olhos miúdos e brilhantes: o que foi, compadre? Não lhe vi de manhã...

Mas o velho não queria conversa: fui dar umas passeadas.

Dito nunca perdia a chance: vai uma fezinha hoje?

O velho sorriu a costumeira recusa incrédula. Vê lá se iria ganhar a sorte grande! Aquilo saía lá pelos lados de São Paulo, Rio, Minas, aquelas lonjuras! Imagine sair ali, logo ali, para ele! Só mesmo lá, de onde vinham aqueles bilhetes. E o velho jamais desejara saber de que fazenda vinha aquela pródiga safra de papel que toda semana brotava do corpo gordo do velho conhecido.

Dito falou da esperança maior: compadre, escuta bem o que lhe digo! Mais dia, menos dia, você vai ver! A sorte grande sai comigo. Recebo uma comissãozinha e pronto! Vou descansar mesmo. Já pensou se a sorte sai no restolho, então? Ao invés do prejuízo... Puta vida! Não gosto nem de pensar.

O velho riu, desta vez por cortesia. A conversa era a mesma todos os dias. Tinham de desfiá-la como se fosse nova. Mantinha a amizade e ajudava a passar o tempo.

Quem a viu primeiro foi o Dito, vagando o olhar na direção do Banco. Depois, desperto, olhou fixo. Ela vinha faceirinha, pisando macio, requebrando de leve, jogando com graça as coxas morenas dentro da saíinha azul-desbotado, agitando os seios grandes e pontudos debaixo da blusinha arrojada.

Dito gemeu, coçando-se ostensivamente: compadre, prefiro mil vezes ir para o inferno com ela que para o céu consigo.

Ele ergueu um pouco a cabeça para fugir ao ramo de banana-de-macaco que lhe tapava a visão das coxas: essa neguinha é de levantar tora sem raiz, seu moço!

Ela chegava muito maneira, um sorriso dançando nos lábios carnudos, como café na peneira, mexendo daqui para lá, de lá para cá, gostoso e embalador.

A curiosidade brilhava nos olhos do bilheteiro: quem é ela, compadre Cido?

O velho se sentiu importante por saber: Cidinha, não conhece? A filha do Maneco, aquele do caminhão.

Dito se alegrou, reconhecendo: ah, sei! O Maneco do Caminhão!

O velho não conseguia desviar os olhos daquele corpinho: esse mesmo.

Nem o Dito: olha que perninha mais graciosa do mundo, compadre. Eu morro...

Ela passava em frente e seu sorriso se alargou ainda mais: dia, Seu Cido !

Ele suspirou, agradecido: dia, Cidinha! Como vai o pai?

Ela fez cara de nojo: viajando sempre.

O velho gostou de trocar palavras com ela: e a mãe?

Ela balançou a cabeça, agitando os cabelos escuros: graças a Deus...!

Ele julgou ter toda a intimidade: aparece lá em casa.

Ela se abriu toda: qualquer hora faço uma visitinha para Dona Josefa. Como ela vai?

Ele não gostou da lembrança: vai indo, jeito de velha!

Ela sorriu ainda mais e levantou o braço, acenando graciosamente: então, tiau!

Ele abençoou: vai com Deus!

Ela se foi e seu olhar a acompanhou. Sentiu alguma coisa despertar na cadência daquelas cadeiras balançando e daquele corpinho de mulher que se afastava.

Essa coisa despertada ficou roendo lá dentro. Uma dorzinha incômoda, num lugar incômodo. Coisa passada. Quase esquecida, de repente lembrada.

Dito arrumou os bilhetes no corpo: nem é bom pensar nessas coisas, compadre!

O velho voltou a sentir dor no pé.

Dito insistiu pela última vez, ajeitando a cintura da calça barriga acima: não vai mesmo querer a sorte grande?

O velho riu, desta vez riso de despedida e lá se foi o Dito, olhos vivos à procura de quem procurasse a sorte grande.

O velho ficou. Sentiu fome. Levantou-se. Firmou o pé no chão. Caminhou para casa, como se perseguisse a Cidinha.



Que dor, que nada!

Descendo a rua, passou pela casa nova do Nestor do Armazém, de portão de ferro, muro de tijolos baixo com grades por cima. Um jardinzinho lutava contra o resto de cimento, areia e cacos de cerâmica misturados à terra.

Viu a proprietária: dia, Dona Nair!

Ela o reconheceu: dia, Seu Cido!

Olhou desconsolado a terra que ela remexia: parece que o jardinzinho não vai...

Ela estava mesmo desanimada: pois é! Faz mais de uma semana que venho lidando, lidando e nada. Acho que vou desistir.

Achou que devia incentivá-la: carece não. É só tirar essa caqueira e ter um pouquinho de jeito que tudo nasce.

Ela o sondou: o senhor entende de jardim, Seu Cido?

Ele sorriu confiante: entendo de tudo que tem raiz.

Pensou então, no mesmo instante, se mulher tinha raiz, mas não conseguia se lembrar mais.

Ela se levantou, toda jeitosa: olha, a gente bem que podia fazer um acerto, Seu Cido.

Ele estranhou, tirando o chapéu e coçando a cabeça: acerto? Que acerto?

Ela estava toda cheia de dedos: o senhor não quer ganhar uns trocadinhos para cuidar do meu jardim? Só até ficar pronto. Depois eu mesma cuido.

Ele continuava intrigado com aquela pergunta boba em sua cabeça: será que mulher tem raiz?

Ela insistiu : e então, Seu Cido?

Ele fez jeito de enjeitar, só para poder pedir mais do que seria oferecido: aí depende...Veja bem a senhora que isso vai dar muito trabalho... Apesar de que...

Olhava agora para o céu. O cinza anunciava que logo teriam chuva.

Ela não queria regatear: eu pago. É só dizer quanto.

Isso o pegou de surpresa, fazendo-o gaguejar: cinquenta contos por mês, até formar o jardim... Posso vir de manhãzinha e de tardinha, todo dia...

Ela não achou caro: vai muito tempo?

Ele percebeu que errara no negócio: aí depende da gente ver... Pode ser que sim, pode ser que não...

Ela estava satisfeita: está certo! Eu pago. Quando o senhor começa?

Ele percebeu que caíra na própria armadilha: hoje de tarde mesmo, se der tudo certo...

Despediu-se, prometendo voltar, mas esqueceu logo aquele negócio malfeito. Uma pergunta o intrigava: mulher tinha raiz?

Primeiro, a questão; depois, a certeza: mulher tinha raiz. Mas como? Onde? De que jeito?

Chegou em casa como um viajante cansado, atrasado para o almoço. Ela o esperava à porta, com rugas de preocupação. Não comia sem ele. Tirou o chapéu no portão. Veio batendo-o contra a perna. Ela nada disse, mas pedia uma explicação na maneira de olhar.

Encarou-a com pena. Estava velha. Rugas pelo rosto todo. Terra gretada. Cabelos brancos, escondidos sob o lenço sempre amarrado na cabeça. Os braços eram pelancas. As coxas não tinham a rigidez bela de antigamente. A barriga e os seios...

Ele se apoiou no batente para passar espremido por ela: fui até o ranchinho.

O rosto dela se encheu de pena: fazer o quê?

Ele estava triste: o alemão disse que vai derrubar. Homem ruim! Por quê? Podia deixar...

Ela respirou fundo, buscando forças: para quê? Não presta mesmo.

Ele passou pela mesa da cozinha: sei lá, mas podia deixar.

Um pano cobria as panelas servidas.

Ela se apressou em ir até lá: já deve estar frio.

Ele não queria dar trabalho pelo seu atraso; ela jamais permitiria, no entanto: eu reuento.

Foi lavar as mãos. Olhando a bacia, viu-se refletido. Procurou algum fio escuro na carapinha branca. Quando levantou a cabeça, a calcinha de algodão, no varal, reavivou aquela dorzinha incômoda. Mais uma coceirinha, que dor mesmo.

Voltou-se para olhar a mulher. Não havia graça nenhuma. Gingado nenhum.

Sentou-se à mesa. Feijão, arroz, torresmo e almeirão, colhido ali mesmo, no quintal. Serviu-se. Raspou a pele dos torresmos com o garfo, mastigando deliciado a gordurinha. A pururuca ficava para depois, antes do cachimbo. Era gostoso ficar chupando, já que mastigar...

Enquanto comia, sentiu a coceirinha aumentando. A pergunta incomodava. Onde? Como? Tinha de haver uma resposta. Era coisa do passado. Certo! Mas tinha de ser lembrada.

De repente, largou o garfo e bateu na mesa com cara de triunfo, lembrando-se: mulher não tem raiz. Planta-se nela a raiz!

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

